

Considerações finais

Quando iniciei esta pesquisa há quatro anos, não imaginava que ela me levaria por caminhos tão diferentes e diversos daqueles inicialmente traçados. A percepção de que a pesquisa tem vida própria ficou muito clara para mim e, de alguma forma, permiti que a investigação me levasse por cenários que ainda não havia percorrido. Em muitos momentos me senti desafiado, em outros, desestimulado, mas a dúvida, a pergunta, e a interrogação estiveram comigo durante muitos momentos da caminhada e consistiram em “pedras chave” para que eu me movimentasse e buscasse trilhar novos itinerários, com vistas a enxergar as diferentes perspectivas e alternativas.

Foi assim, percorrendo o caminho, que observei a identidade cultural tomar forma e ganhar força como categoria discursiva no âmbito da tese. Hoje, olhando para trás, penso que a aproximação, a compreensão e a apropriação constituíram-se mais que procedimentos metodológicos de leitura dos dados, acabaram por, intuitivamente, organizar-se como espinha dorsal dos diversos momentos da investigação, mesmo quando eu não me apercebia disso.

É este estado de processo, de construção e de que “estamos em obras”, que me permitem dizer que este documento apresenta as características de uma agenda de pesquisa sob a qual deverei debruçar-me nos próximos anos. Penso que consegui chegar a resultados que poderão abrir novas oportunidades de estudo e investigação no que diz respeito, primeiramente, ao ensino do design no Amazonas, com desdobramentos para outros segmentos quais sejam: a atuação profissional, o olhar discente, a produção do design local em suas várias vertentes, dentre outros desdobramentos que me ocuparei em indicar mais à frente.

Quero dizer ainda que este “estar em construção” possibilita identificar os silêncios da tese. São questões que não consegui contemplar e que por isto deverão constituir-se em oportunidade para pesquisas futuras. A primeira delas refere-se a uma imersão no pensamento social na Amazônia, objetivando entender sua dinâmica, a circulação de saberes e ideias que propiciam perceber quais as

oportunidades que esses discursos trazem para pensar o ensino do design no Amazonas. Outra questão que ficou em aberto está relacionada aos currículos dos cursos de design no Amazonas, ao modo como esses estão posicionados diante das questões de identidade cultural, qual a ênfase desses currículos e como eles impactam nos projetos de final de curso desenvolvidos pelos alunos? Existem trabalhos que poderiam ser identificados como possuindo uma ênfase em identidade cultural? Quais as abordagens? Quais resultados?

Analogamente, a pergunta sobre outros discursos para além do discurso docente, apresenta-se como oportunidade para estudos futuros. Refiro-me às vozes dos discentes e dos profissionais que atuam no mercado local, tanto aos formados pelas instituições de ensino superior como aqueles que exercem o ofício sem a chancela da academia. E de igual forma, perguntas sobre o impacto do ensino do design nas cidades do interior do Estado, tais como: Quem dá conta das atividades de design? Existem designers com formação superior? A identidade cultural representa uma categoria válida para esses profissionais? Tratam-se de perguntas para as quais ainda não existem respostas.

Ao equacionar os objetivos da pesquisa com os achados, ficou evidente que os conceitos de região, tradição e comunicação/tradução, tal como apresentados, constituem formas e modos através dos quais os docentes em design no Amazonas qualificam a maneira como veem a identidade cultural. Claro que uma leitura como esta só foi possível por conta da crítica à modernidade empreendida através da compreensão sobre como as energias emancipatórias foram sendo transformadas em energias regulatórias, no contexto da modernidade ocidental. Uma constatação como essa possibilita pensar, tanto a perspectiva de um ensino do design comprometido com a regulação, como a possibilidade de pensá-lo sob diferentes caminhos, qual sejam, a oportunidade de que a busca por outras formas de pensar, que denominei aqui de novas racionalidades, possam continuar devolvendo ao campo do design a sua capacidade de indignação, de mudança e de contraponto, isto é, a devolução ao campo do design do seu caráter emancipatório.

Isso porque a ideia de modernização, enquanto corolário do paradigma da modernidade ocidental trouxe implicações para o estabelecimento do ensino do design no Amazonas, como analisei nesta tese. Tais implicações e interseções caminham desde a reprodução acrítica de modelos externos até o silêncio com

relação às especificidades regionais que, pelo menos em seus discursos, os docentes desconstroem ao afirmarem o compromisso com a região, com a tradição e com a tradução enquanto formas de ver, de situar-se e de traduzir, face o presente contínuo imposto tanto pela modernidade como pela modernização.

Da mesma forma que os discursos proferidos apresentam consonâncias, de igual forma mostram-se também, divergentes, provocadores e propositivos, como devem ser as propostas que se apresentam como alternativas às dualidades sufragadas pela modernidade ocidental. O ensino do design no Amazonas reproduz essas dualidades a partir de uma perspectiva quase mimética como bem alertou Dijon de Moraes. No entanto e como o ato de imitar requer dos imitadores um conjunto cada vez mais rebuscado de habilidades, a busca pela imitação enquanto uma das tantas etapas do processo de criação, propicia também o inconformismo, reclamam o diálogo, trazem à luz novos desafios, abrem novas perspectivas ao tempo que requisita a emergência de novos modelos, novas formas e fórmulas que redundam em novos aprendizados.

E é precisamente nessa perspectiva que está o fermento que apresenta possibilidades de impregnar a teoria e prática no âmbito do ensino do design no Amazonas: o inconformismo que advém do esgotamento dos processos de tradução, calcados em mera reprodução de modelos previamente estabelecidos. Tal perspectiva advém dos discursos proferidos pelos docentes em design no Amazonas que, aos olhos menos avisados, podem parecer senso comum mas, indicam o impacto de tais ideias no desenvolvimento de princípios teórico-metodológicos que venham ser dados, tanto para a compreensão do conceito de identidade cultural no campo do design, como para fazer com que tais princípios cheguem, efetivamente, no dia a dia das salas de aula, se é que esse processo já não se iniciou.

Como contribuição da presente investigação, quero sugerir nos planos pedagógico, metodológico e epistemológico, recomendações que podem subsidiar uma maior consistência para o ensino do design no Amazonas. No plano pedagógico penso que se faz necessário tomar as experiências, sentidos, ideias e vivências dos sujeitos envolvidos nos processos de ensino, ou seja, ouvir o que os tradutores de toda ordem têm a dizer sobre os seus processos de formação e como pensam a inserção política, social e cultural do seu fazer. Um procedimento

dessa natureza visa diminuir as distâncias entre atores e práticas de ensino, entre docentes e discentes, entre conhecimento e realidade social. Visa ainda, entender os modos pelos quais os conhecimentos transitam/movimentam-se nos processo de ensino, com vistas a prover um arcabouço maior de práticas culturais e contextualmente situadas, permitindo que os processos de ensino em design possam contribuir, de forma mais efetiva, para fomentar a utopia da emancipação social.

No plano metodológico penso que a questão deva girar em torno do desenvolvimento de metodologias inovadoras que permitam investigar os diversos aspectos que envolvem a identidade região, a identidade tradição e da identidade comunicação, bem como de outros temas polêmicos e descredibilizados pela modernidade ocidental. Nesse sentido, as metodologias para dar conta de um projeto desta natureza, no âmbito do ensino do design no Amazonas, devem tomar como balisamento o entorno, os elementos desprezados, num processo de escavação das ruínas da modernidade, tal como proposto por Boaventura de Souza Santos, no sentido de perceber tanto os elementos que não foram de todo apropriados pela modernidade ocidental como aqueles que, mesmo em face da apropriação, não tiveram todo o seu potencial emancipatório esgotado.

Tal como as ideias de identidade/região ou de identidade/tradição que foram usadas para fins hegemônicos, ocasionando descredibilização, agora tais imagens retornam e apresentam-se como oportunistas de reflexão e de ação. O desafio aqui consiste em desenvolver metodologias que permitam reconstruir, a partir do imaginário coletivo e individual, as representações da identidade em suas diferentes escalas e dimensões. Não se trata de mais um método que dará origem a mais um produto a ser comercializado no mercado, mas sim de uma trama que tem como meta colocar o homem, o designer, as mulheres e as designeres amazônicos/amazônidas/amazonenses como principais agentes/atores de seus processos.

Por fim, no plano epistemológico, que se apresenta como causa e consequência das ações levadas a efeito nos planos pedagógico e metodológico. É importante considerar que o problema da identidade cultural, tanto é uma questão presente na teoria como na prática do design. Nesse sentido, a emergência de uma epistemologia da tradução coloca-se como basilar para uma melhor e maior

compreensão do conceito de identidade cultural no ensino do design no Amazonas. Isso porque a emergência de saberes oriundos da prática pedagógica ou mesmo dos novos métodos orquestrados, no âmbito do ensino do design, tendem a requerer outras concepções de conhecimento e de saber, para além daquelas canonizados pela modernidade ocidental.

Assim, a permissão para que processos de validação de conhecimento se organizem a partir de novos temas, métodos e teorias, requisitam de igual modo, a permissão para que outras formas de saber possam dialogar horizontalmente com os saberes historicamente reconhecidos. Para dar conta dessa perspectiva, indico uma epistemologia da tradução como um desafio epistemológico ao ensino do design no Amazonas, de forma específica, e ao campo do design no Brasil de forma geral.

Em síntese, ressalto que o problema da identidade é um problema de tradução. A meu ver, são os processos de tradução identitária que conferem a esta categoria o seu tónus regulatório e/ou emancipatório. Essa constatação advém do descrédito e desconfiança que dela decorre, por conta das apropriações levadas a efeito pela modernidade ocidental. Tais apropriações fazem da identidade uma categoria suspeita, e tal suspeição justifica-se por seu caráter polimorfo e com pouca propensão à fixidez e às totalidades bem delimitadas.

Considerando esse cenário e para que a identidade cultural possa servir a outros fins que não apenas àqueles definidos pelas razões metonímica e proléptica, de que fala Santos, faz-se necessário, ao ensino do design no Amazonas, cunhar novos termos e apresentar outras propostas para uma tradução identitária que leve em consideração os nós, as clivagens, os silêncios, os hiatos e os vazios que, intraduzíveis, tornam-se também incompreensíveis, quando são utilizados para sua leitura e interpretação os processos de tradução convencionais. Feito isso e orientando-se por e através de tais pressupostos, o ensino do design no Amazonas reunirá as condições necessárias para representar e contribuir com o que a identidade tem de mais elementar e ao mesmo tempo de mais complexo, qual seja, a experiência comum entre as pessoas.